



Boletim do GIV • Grupo de Incentivo à Vida

# A PONTE

Ano 4 - nº 22 —Abril / Maio de 1996

## DE QUEM É A LUTA?

"Vou dizer para os meus colegas do Norte que os nossos heróis do sul morreram de overdose de ONGs", foi assim que um membro do GAV - Paraíba terminou o último depoimento do VIII Encontro Nacional de ONGs/AIDS, realizado de 4 a 7 de abril na cidade de São Paulo. Além da troca de experiências e de informações de pessoas que vivem e/ou desenvolvem trabalho com HIV/AIDS (o real objetivo do encontro), mais uma vez foi palco de militantes profissionais, que pareciam fazer da causa uma competição para ver quem é mais solidário.

O amigo do Norte quis atingir um ponto fundamental de qualquer luta, esquecido por muitas ONGs: a união. Todas as discussões centralizaram na questão de quem tem o direito e o dever de estar no combate à AIDS e ao preconceito: soropositivos, soronegativos ou sorointerrogativos?

A maior prova de que isso é irrelevante, foi a manifestação organizada pelo GIV e o Grupo Pela Vidda-SP, no dia de abertura do encontro, no qual milhares de velas foram acesas em memória das vítimas da AIDS, e contra a omissão do governo no combate à doença. Portadores e não-portadores do vírus de todo o Brasil puderam ter a sensação de que a cada vela acesa na escadaria do Teatro Municipal de São Paulo, uma vida se salvava: foi o ato mais emocionante de solidariedade já visto no país na luta contra o HIV.

Não desmerecemos o trabalho de ninguém, pessoas

que há muitos anos estão na militância pelo soropositivo. Mas apontamos que se os limites de estrelismo e a consciência do cuidado do emprego de certas palavras ou atitudes não forem percebidos, tudo estará perdido.

Assim como não há porque discutir a importância da formação de uma rede de portadores, pela qual troquem experiências entre si, também é inútil questionar a validade do engajamento de um soronegativo na luta. Há espaço para todos.

Para o paciente de AIDS, não há tempo para se preocupar em saber quem são os "doutores" no ativismo pelos soropositivos. Ele quer saber se vai ou não haver medicamentos nos hospitais, se a sua saúde está sendo priorizada no estudo dos protocolos, se ele pode alugar um apartamento ou procurar emprego sendo portador do HIV.

Presenças ilustres como a do ministro da Saúde, Adib Jatene, questionaram o papel das ONGs no Brasil. Será que os ataques e reivindicações, travestidos de ativismo, estão na direção correta? É hora de repensar a importância de cada grupo formado, para que encontros como este não percam a sua identidade. O próximo será em Brasília. Temos um ano para reverter essa situação. A tarefa é de cada um, independente de sorologia, respeitando o direito de organizar-se conforme a necessidade.

A evidência de pessoas tão oportunistas quanto as doenças que surgem em decorrência da AIDS, exige mais ações e menos reflexões: afinal, pelo quê estamos lutando??

**O IX ENCONTRO SERÁ NO ANO QUE VEM, EM BRASÍLIA. ATUALIZE SEU CADASTRO E ENVIE SUGESTÕES AOS GRUPOS ORGANIZADORES: GIV (SP), GESTOS (Recife), GAPA-PORTO ALEGRE, PELA VIDDA-NITERÓI.**